

VISÃO DO CORREIO

O exemplo que deve vir de cima

Atuação recente do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Flávio Dino, ao enfrentar a chamada “farra dos penduricalhos” e defender a perda de cargo de magistrados com conduta incompatível com a toga, repõe no centro do debate público os limites éticos e materiais do Poder Judiciário. Suas decisões sinalizam que realmente há, no interior da mais alta Corte do país, uma preocupação com os excessos corporativos que corroem a legitimidade institucional.

A expressão “penduricalhos” é sinônimo de distorções salariais no setor público, inclusive no Judiciário: auxílios, gratificações e indenizações que extrapolam o teto constitucional. Embora frequentemente justificados como direitos adquiridos ou compensações legais, esses benefícios são percebidos pela sociedade como privilégios incompatíveis com a realidade fiscal do país e com o princípio republicano da igualdade perante a lei. Ao agir contra esses abusos, Dino defende a moralidade administrativa, prevista no artigo 37 da Constituição, e reafirma o papel do STF como guardião da legalidade e da legitimidade das instituições.

Da mesma forma, a defesa de punições mais severas para magistrados que violam os deveres funcionais enfrenta uma questão historicamente negligenciada: a baixa efetividade dos mecanismos disciplinares internos. O sistema de responsabilização da magistratura, em grande medida conduzido pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) avançou nos últimos anos, mas ainda enfrenta resistências corporativas e limitações normativas. A aposentadoria compulsória como sanção máxima — muitas vezes vista como um prêmio disfarçado — tornou-se símbolo dessa insuficiência. Ao defender a perda do cargo em casos graves, Dino leva em conta uma demanda social por maior rigor e transparência.

Essas iniciativas representam um avanço e expõem uma lacuna que o próprio STF precisa enfrentar: a ausência de um Código de Ética efetivamente implementado e aplicado aos seus próprios ministros. Trata-se de uma contradição institucional. A Corte exige padrões elevados de conduta dos demais magistrados,

mas ainda carece de um instrumento normativo claro, público e vinculante que discipline o comportamento de seus integrantes. O exemplo deve vir de cima.

A adoção de um Código de Ética para o STF não é apenas uma questão formal. Nas democracias, cortes constitucionais e supremas cortes operam sob regras explícitas de conduta, que abrangem desde conflitos de interesse até manifestações públicas e relações institucionais. Esses códigos funcionam como balizas para a autocontenção — um valor essencial em tribunais com grande poder político, como é o caso brasileiro.

O STF ocupa posição central no sistema político, decide sobre temas que vão da regulação das redes sociais a disputas eleitorais e investigações criminais envolvendo altas autoridades. A ausência de parâmetros éticos claros na Corte amplia o espaço para críticas à instituição. A percepção de ativismo judicial, somada a episódios de exposição pública excessiva de ministros, contribui ainda mais para desgastar a imagem da Corte junto à opinião pública.

Não se trata de restringir a atuação do STF, mas de fortalecê-la. A legitimidade de uma corte constitucional não decorre apenas de suas competências formais, mas da confiança que inspira na sociedade. E essa confiança está diretamente ligada à percepção de imparcialidade, sobriedade e respeito às regras por parte da sociedade.

Um Código de Ética bem estruturado estabelecerá diretrizes objetivas sobre impedimentos, participação em eventos, relações com partes interessadas e uso da função para projeção pessoal. Mais do que isso, serviria como instrumento pedagógico e simbólico, sinalizando que os ministros estão submetidos aos mesmos princípios que exigem dos demais agentes públicos.

A história mostra que instituições fortes não são aquelas imunes a críticas, mas aquelas capazes de se reformar. As decisões de Flávio Dino apontam para um caminho de maior rigor e responsabilidade no Judiciário. Falta, agora, que o próprio STF dê o passo seguinte: institucionalizar a ética no mais alto nível.



MARCOS PAULO LIMA
marcospaulo.df@cbnet.com.br

Neymar está nas cordas

Em uma analogia com o boxe, Neymar só esteve nas cordas duas vezes em 16 anos no ringue da Seleção Brasileira: a primeira no início da carreira, aos 18 anos, quando era “peso palha” e desejava disputar a Copa de 2010. O técnico Dunga não levou nem ele nem Ganso à África do Sul. Ambos tiveram um início de ano fantástico. A segunda é agora, como “peso pesado”, a caminho do fim de carreira, na gestão do técnico italiano Carlo Ancelotti.

Mano Menezes, Luiz Felipe Scolari, Tite e Fernando Diniz não enfrentaram Neymar. Dorival Júnior não conseguiu chamá-lo uma única vez, porém começou a perder o emprego ao afirmar, há um ano, que projetava o Brasil para orbitar em torno do lesionado Neymar. Pegou mal!

Lançado em 2009 no Santos, o “filé de borboleta”, como batizou Vanderlei Luxemburgo, levou o time ao título do Paulistão de 2010 contra o Santo André em parceria com Ganso. Dunga não se sensibilizou. Deixou Neymar nas cordas pela primeira vez: “O desenvolvimento desses jogadores se deu em fevereiro e março. Vocês acham que o jogador, por maior potencial que tenha, vai estar preparado para uma pressão de Copa do Mundo? Pela experiência de outras Copas não é isso que se vê”, justificou Dunga na lista final.

Neymar deixou de ir à primeira Copa. Decepcionou-se e frustrou quem desejava vê-lo, no mínimo, no frágil banco de reservas montado por Dunga e Jorginho. Felipão foi o primeiro a elegê-lo para o Mundial em 2014, no Brasil, aos 22 anos.

Ele também disputou a Copa em 2018 e em

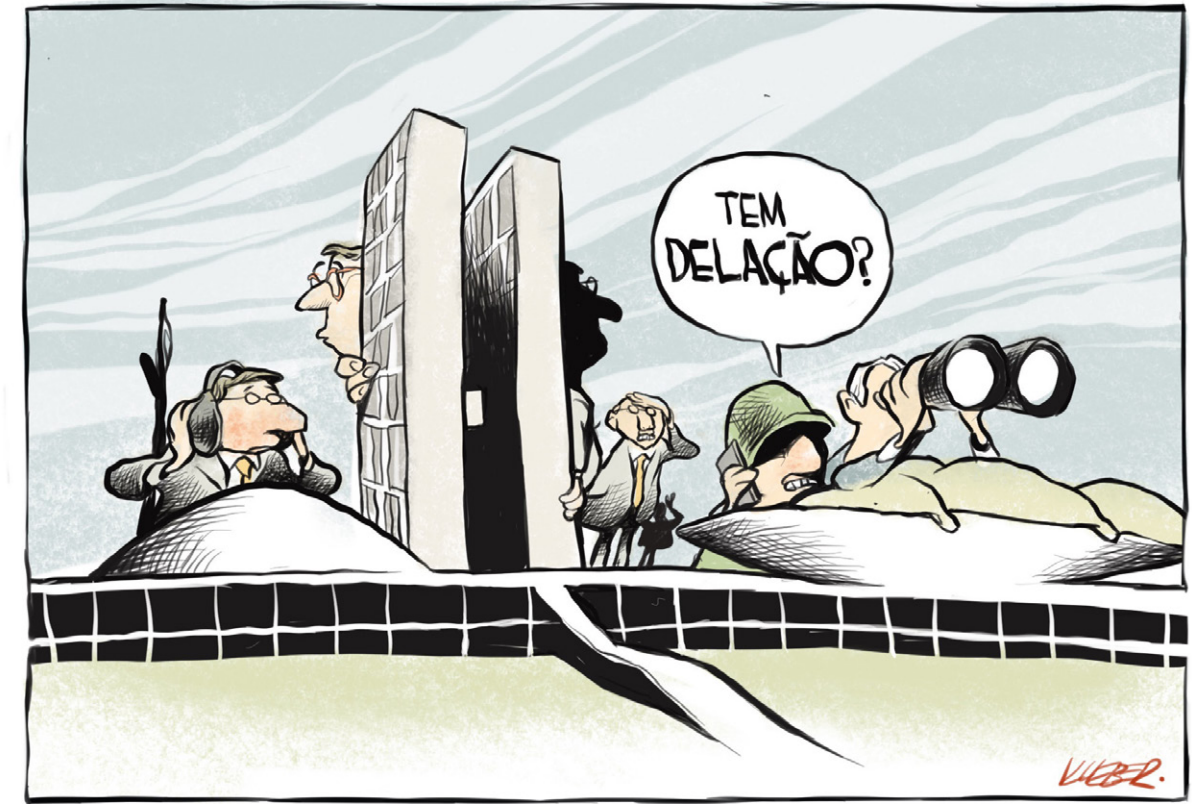
2022. Ambas como dono da Seleção nos seis anos e meio de trabalho do Tite. Nem psicólogo havia na comissão técnica. O camisa 10 vetava. O treinador da Seleção usava uma assessoria externa tamanho o empoderamento do astro.

O craque tem 34 anos. Partiu dele falar em pendurar as chuteiras em meio às batalhas contra as lesões, a falta de condicionamento e um certo cansaço físico e mental para entregar a melhor versão. Ancelotti notou. Está levando o único fora de série do Brasil nos últimos 16 anos às cordas para entender se ele deseja disputar a Copa. Lembra aqueles enredos da série *Rocky Balboa* estrelada por Sylvester Stallone. Desafio extremo para o combate seguinte. Por sinal, o Brasil jogará na Filadélfia contra o Haiti na segunda rodada.

Incrível notar a diferença entre os dois momentos nos quais Neymar ficou na berlinda. Em 2010, o Brasil fez campanha por ele. Dunga manteve a convicção.

Dezesseis anos depois, a ida de Neymar à Copa de 2026 não tem a unanimidade de 2010. Não haverá manifestação na Esplanada dos Ministérios, na Avenida Paulista ou na Orla de Copacabana se Ancelotti preteri-lo em 18 de maio. Em vez de comover, Neymar divide opiniões até na política. Quem o defende na Copa é “bolsonarista”; quem odeia, “lulista”.

O número 3 do mundo em 2015 e em 2017 na era Lionel Messi e Cristiano Ronaldo depende de si para sair das cordas e convencer Carlo Ancelotti de que não aceita nocaute. A contagem continua aberta à espera de que Neymar não vá à lona.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Riacho Fundo 2

Morar no Riacho Fundo 2 é um dos fardos mais pesados que o ser humano pode carregar. Entre os incontáveis fatores que me incomodam nessa cidade, os principais são a falta de infraestrutura e a escassez de transporte público. Esperar ônibus para o “Diacho Imundo II” é sempre um exercício que exige paciência e, sobretudo, sanidade. São nesses momentos em que sou tomado por uma profunda inveja de quem mora no Recanto ou em Samambaia. Ônibus para esses lugares é o que não falta. Mas quem dera se o transporte fosse a única problemática. Enquanto nossos vizinhos têm hospital, agências bancárias, delegacia e um forte comércio, nós ainda estamos na era do motor a vapor. Impressiona-me termos uma UPA e dois postos de gasolina recém-construídos.

» **Victor Correia**
Riacho Fundo 2

Banco Master

Para que a delação de Vorcaro seja séria, consistente e não seemletiva (atributos que o ministro Mendonça admite para a homologação), é por demais evidente que ele terá que informar (e devolver) onde estão os R\$ 60 bilhões que evaporaram nas suas mãos, descontados os ativos localizados — incluindo os pessoais — que deverão retornar para as vítimas de Vorcaro. Na verdade, é esse o espólio que está sendo disputado nos subterrâneos da organização criminosa Bando Master, por ele liderada.

» **Milton Cordova Junior**
Vicente Pires

Inaceitável

Um grupo de autoridades faz um negócio ilegal com um banco, fortalece seus patrimônios. A ilegalidade que se tornou uma ameaça ao Banco de Brasília e não pune nenhum dos possíveis responsáveis. Para garantir os ganhos dos envolvidos, com o aval da Justiça, o rombo no Banco de Brasília será tampado com a venda de imóveis que compõem o patrimônio público. Na compreensão coletiva, trata-se de uma decisão inaceitável. Quem deveria tampar o rombo do BRB seria os quem participaram dessa negociata criminosa. Prevalece a escandalosa e inaceitável impunidade. Isto é Brasil.

» **Eduardo Mendonça**
Jardim Botânico

Bolsonaro

Recomeçou a campanha para que o ex-presidente Jair Bolsonaro cumpra a sua pena de 27 anos em prisão domiciliar, devido aos seus problemas de saúde. Neste ano eleitoral, essa campanha pode mascarar interesses que vão além do bem-estar do capitão. Supondo que a Justiça conceda essa benesse ao capitão, não estaria tomando uma decisão injusta com os presidiários que têm graves problemas de saúde? Ou para ser tratado como ser humano é preciso ter ocupado a cadeira do Palácio do Planalto ou outros cargos relevantes na estrutura do Estado brasileiro?

» **Joana Alves**
Águas Claras

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

A reforma na Via Estrutural, com menos de dois anos, já apresenta rachadura. Como toda obra pública, isso não é novidade. Paga-se caro e a empresa põe o piso de péssima qualidade.

Sebastião Machado Aragão — Brasília

Dia Mundial Sem Carne — 20 de março. Para boa parte da população é todo dia.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Esse ministro Flávio Dino é destemido. Parabéns, ao verdadeiro patriota.

Paulo Ferrassioli — Brasília

O técnico Carlo Ancelotti, um treinador que foi campeão em quatro países e detém o recorde de conquistas (cinco títulos com três do badalado Guardiola) na Liga dos Campeões da Europa, precisa ser centro das atenções no Brasil?

José R. Pinheiro Filho — Brasília

Buracos e mais buracos

Entra ano, sai ano, entra governo, sai governo, e Brasília continua com seu histórico de produzir buracos em suas ruas e cidades. Não adianta reclamar, pedir, sugerir porque os governos que se revezam no poder não conseguem evitar (ou mesmo tampar) os buracos que brotam nas tempestades dessa época do ano. Talvez o recurso da população seja o de rezar e pedir a proteção de Deus, não para tapar os buracos, mas, sim, para que não chova tanto entre novembro e março na capital do país.

» **Jaime Luís**
Alexânia

Vasco da virada!

Sensacional a vitória do Vasco em cima do Fluminense na quarta-feira passada. Foi emocionante ver o time se desdobrar em campo, incentivado pelos fanáticos torcedores vascaínos que empurraram os jogadores cantando e berrando para que se superassem e ganhassem o jogo do tricolor carioca. Deu certo. Ao canto inebriante da torcida, o Vasco ganhou de virada do Fluminense, deixando só pó no time tricolor (só para provocar com os “pó de arroz”). Vamos em frente, como disse o excelente técnico Renato Gaúcho, com a certeza de que no domingo contra o Grêmio em São Januário, “nem mosquito terá lugar” no campo do time da Virada.

» **João Moura**
Samambaia

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS 

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br